

Originalmente para: das Artes, das Letras – Suplemento Cultural de *O Primeiro de Janeiro*, 16 de Julho de 2007, p. 13, com o título «Aos meus direitos juntei o dever de amar».

Para não quebrar o encanto – os direitos da criança

Ana Margarida Ramos*

RESUMO

Neste estudo procede-se à análise dos principais eixos ideotemáticos do livro de Vergílio Alberto Vieira com o mesmo título, ilustrado por Rita Oliveira Dias, com especial relevo para a representação da infância e para o apelo a uma implementação mais efectiva da ideologia subjacente à Declaração Universal dos Direitos da Criança.

Proclamada a 20 de Novembro de 1959, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, a Declaração dos Direitos da Criança, quase meio século depois, permanece dolorosamente inaplicável e, em certos casos, paradoxalmente utópica. E não nos estamos só a referir aos países pobres ou em vias de desenvolvimento ou a regiões longínquas do globo. Estamos a pensar concretamente no que se passa à nossa volta, aqui mesmo ao virar da esquina. Daqui decorre, pois, o significado simbólico daquela declaração e da sua reprodução na publicação que me cabe hoje apresentar, sob a forma de um paratexto inicial. É, parece-nos, imbuída neste espírito atento e vigilante, mas também de comprometimento poético e cívico com a manutenção do encanto particular da infância que surge, da autoria de Vergílio Alberto Vieira e com ilustrações de Rita Oliveira Dias, “Para não quebrar o encanto – os direitos da criança” (Lisboa: Caminho, 2007).

Começamos pelo título, que actualiza a dimensão idílica associada à infância, actuando como reforço da sua manutenção. Além disso, a utilização, no título, de uma oração subordinada final à qual falta a subordinante apelando, por isso, à cooperação do

* Universidade de Aveiro

leitor na activação dos sentidos do texto, é retomada, como um refrão ou uma espécie de mote em muitas das estrofes, explicitando assim, com recurso a esta estrutura sintáctica, a finalidade última do texto. Este, repleto de repetições, paralelismos, rimas internas e finais e anáforas, vê reforçada a sua dimensão oralizante e melódica, sublinhando as ideias-chave e a mensagem de defesa dos direitos inalienáveis da criança que se quer fazer passar. Sensivelmente a partir do meio do livro, a estrutura da subordinante final, que é retomada do título, torna-se cada vez mais insistente e, pelo recurso à anáfora, aproxima-se do refrão. À semelhança de um eco, são aí repetidas as ideias fundamentais do texto, reforçadas por outros efeitos como os jogos de palavras (sinónimos, antónimos) e o recurso ao paralelismo de determinadas estruturas sintácticas. Para o reforço desta sugestão concorrem a simplicidade e a clareza da linguagem seleccionada, de onde sobressaem os nomes comuns e concretos e onde não estão ausentes alguns elementos simbólicos particularmente fortes. É o caso da romã, associada à fecundidade e à maternidade, da seara e do trigo, símbolos do alimento, da fartura e também do equilíbrio entre os homens e a Natureza.

“O meu coração é uma romã doirada,
o teu, os seus grãosinhos de ouro.”

...

“Eu sou o grão de trigo.
Tu o sol que o faz medrar.”

Estes aspectos, a par de outros, contribuem para a dimensão fortemente lírica do texto que, recorrendo à comparação, à imagem e à metáfora, recria uma visão do mundo particular, construída a partir do diálogo, da partilha e da troca de afectos.

“As árvores que por minha mão plantei
só serão minhas, se também forem tuas,

quando a luz da Primavera
as fizer florir.”

A presença de um sujeito poético de primeira pessoa – eu – que se dirige a um destinatário intratextual – tu –, fortalece, através desta estratégia, a dimensão dialogante, quase coloquial, que caracteriza o texto, uma espécie de declaração íntima de afectos e de partilhas várias que o leitor é, de forma cúmplice, chamado a testemunhar e, de certo modo, a integrar/comungar. Verifica-se, deste modo, uma espécie de opção pela recriação poética do universo infantil previsto no documento oficial do qual o texto parte, traçando um quadro de relações fraternas entre os povos nos quais as crianças são figuras centrais também pelo simbolismo que encerram.

O sujeito poético atribui particular relevo e significado às questões da multiculturalidade, da defesa e afirmação da identidade individual, da família e dos laços afectivos criados entre crianças e entre estas e os adultos, para além do bem-estar material e anímico.

Do ponto de vista da organização interna, as 20 composições numeradas que constituem o livro oscilam entre os três e os seis versos, sempre distribuídas em duas estrofes, multiplicando por dois o número de artigos da Declaração, que são, no final, resumidos num único e que recriam, sob a forma poética, o discurso oficial – objectivo e judicativo – da Declaração dos Direitos da Criança. Trata-se da defesa, no contexto actual, da validade, pertinência e adequação daquela declaração que ainda, tantas décadas depois, não conhece aplicabilidade universal.

“Para estar de bem comigo e com os outros,
aos meus direitos, juntei o dever de amar;
aos meus deveres, o direito de ser amado.”

Mas não podemos esquecer o contributo das ilustrações na construção dos sentidos do livro. E, nesta medida, observem-se as relações que a componente pictórica estabelece com o texto, redimensionando-o e fazendo ressoar algumas das suas ideias centrais. Desde logo, saliente-se como a dimensão perlocutória é reforçada na leitura articulada da capa e da contra-capas, evidenciando a importância da palavra, dita e ouvida, e da sua associação à mensagem que se quer veicular. Atente-se, ainda, nas guardas da publicação enquanto elementos paratextuais capazes de recriarem uma narrativa (ainda que embrionária) onde a criança e as suas actividades lúdicas têm um papel central. Verifica-se, neste caso, a sugestão de um cenário, quase idílico pelo que revela de edénico, de multiculturalidade, de comunhão entre os povos e culturas e também de ligação da criança ao espaço natural e que incorpora algumas espécies animais. A ilustradora recria acção, movimento e dinamismo que também decorrem da observação das imagens e das personagens representadas em posições de instabilidade e/ou equilíbrio precário/momentâneo, assim como do movimento associado à acção do vento ou à representação do voo, metáforas subtis da Liberdade. A última ilustração é prolongada pela guarda final (que recupera a inicial com a qual partilha motivos e personagens) e que recria, com recursos a elementos naturais e humanos, a passagem do tempo e o crescimento da criança, apresentada como símbolo de esperança e evidenciando uma dimensão prospectiva.

Com recurso à pintura (a acrílico) sem recurso ao sinal contorno que é estabelecido pelo confronto das cores usadas, Rita Oliveira Dias ¹ consegue recriar imagens particularmente fortes, imprimindo-lhes expressividade. Verifica-se a opção por uma ilustração realista que recria as personagens infantis como elementos figurativos dominantes. Além disso, a ilustradora aposta na cristalização de algumas das ideias centrais do texto, articulando a dimensão metafórica deste com a sua concretização em imagens. É evidente a existência de várias ilustrações que, pelo recurso à dupla página como unidade de leitura, ajudam a estabelecer laços de coesão e fios de sentido entre os vários fragmentos textuais,

¹ Confrontar com a divisa da ilustradora expressa no seu blog: “Recriar o tempo mágico da infância no desenho e em pintura, voltar ao tempo das descobertas que nos maravilhavam, aos momentos de ternura e espanto. Regressar às dores de crescer, à queda dos dentes de leite, ao primeiro amor ou à morte de um animal de estimação. Lembrar o tempo em que aprendemos a amar.” Rita Oliveira Dias in <http://geladodegroselha.blogspot.com> .

reforçando a unidade da publicação. São, além disso, elementos gráficos e plásticos que asseguram a continuidade ao nível da dupla página (linhas, planos, perspectivas...) e a coesão interna do texto.

A questão da ingenuidade das ilustrações, cuja observação parece surpreender elementos da pintura “naïve”, mereceria atenção e reflexão mais demoradas, uma vez que, ainda que do ponto de vista da técnica essas influências possam ser visíveis, a verdade é que os universos recriados e as metáforas construídas exigem uma leitura mais profunda do real, capaz de cruzar uma dimensão empírica e outra onírica. É, contudo, evidente a expressividade da selecção e da variação cromática e o relevo dos simbolismos associados à cor que, em algumas páginas, são essenciais para a recriação dos espaços e/ou universos. Veja-se, por exemplo, a opção assídua pelo azul-turquesa ou o caso da seara e do impacto que essa ilustração revela, amplificando a imagem do “grão de trigo” que o texto sugere. Mas as ilustrações também estão ao serviço de outras mensagens, recriando, em simultâneo, a passagem do tempo (crescimento da árvore que o metaforiza) e/ou sugerindo um ambiente exótico/oriental. Os elementos da Natureza e o seu simbolismo, associado à vida e ao seu ciclo regular e ordenado, ao crescimento, ao equilíbrio, à perfeição dos elementos e à harmonia conjugam-se com o universo que o texto preconiza. A ilustração retrata, ainda, com especial expressividade os movimentos de transição verificados no texto entre a euforia e a disforia, assegurando a representação da multiculturalidade patente nos vários rostos recriados onde a variação da cor e dos traços é visível. É evidente a expressividade das crianças representadas, permitindo a identificação imediata das suas emoções e sentimentos e promovendo a aproximação do leitor. A ilustração está ainda ao serviço de uma mensagem clara de denúncia social, nomeadamente da falta de condições de vida da criança que está presente num conjunto significativo de páginas.

Em conclusão, as ilustrações de Rita Oliveira Dias, ao combinarem elementos realistas e figurativos com outros desrealizantes e fantásticos, universos marcados pela positividade e outros acentuadamente disfóricos, sublinham o cariz multifacetado da publicação e da própria visão da infância que nela se plasma. Por seu turno, o texto de Vergílio Alberto Vieira parece constituir uma espécie de “manifesto poético”, reivindicando o reconhecimento e actualidade dos Direitos das Crianças e apelando a uma cultura mais solidária com a infância e, conseqüentemente, mais humana. Assim, a publicação adquire, de alguma forma, um valor lírico e documental, na medida em que articula diferentes dimensões e leituras sobre a realidade infantil, dando conta das fragilidades da criança e da existência de desigualdades e de situações insustentáveis do ponto de vista dos direitos humanos.